



## (CIBER) CULTURA DA SOCIABILIDADE<sup>1</sup>

Isabella BRANDO<sup>2</sup>  
Janafina NUNES<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

### RESUMO

As potencialidades da Web 2.0 vêm transformando a maneira como as relações entre os usuários, ou atores sociais, são concebidas na Rede. A partir da consolidação dessa plataforma de navegação e do aumento do acesso da população, a ação do usuário na formação e compartilhamento de dados se tornou imprescindível para a manutenção desse sistema, agora calcado em bases fundamentalmente comunitárias e participativas. O presente artigo traz uma breve revisão bibliográfica de abordagem do tema.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; web 2.0; redes sociais; comunidades; participação.

### 1 INTRODUÇÃO

O termo Web 2.0 ganhou notoriedade numa conferência de brainstorming ministrada por Tim O'Reilly, em que ele discutia a eclosão cada vez mais frequente de novos sites e novas aplicações na web, o que desencadeava mudanças essenciais no sistema. A certeza de que tais mudanças representavam na verdade o surgimento de uma nova fase tecnológica e de que essa tendência poderia ser canalizada positivamente para as companhias geradoras de software, levou-o à busca de uma caracterização mais específica para o termo.

Segundo O'Reilly (2005), “pode-se visualizar Web 2.0 como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro.” (p.2) Esses princípios incluem a substituição gradual de elementos típicos da Web 1.0 por novos elementos mais dinâmicos e que buscam facilitar o compartilhamento do conteúdo disponível na rede. Para viabilizar essa técnica, as empresas de software apostaram numa série de novos padrões que acabaram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Comunicação Social da UFJF - MG, email: [brando\\_i@ymail.com](mailto:brando_i@ymail.com)

<sup>3</sup> Orientadora deste artigo, Mestre em Comunicação Social pela UFJF- MG, email: [ninaolinunes@yahoo.com.br](mailto:ninaolinunes@yahoo.com.br)



transformando a arquitetura dos sistemas de informação. Tomemos como modelo para ilustração dessas transformações o caso Google, muitas vezes posicionado como o exemplo padrão de a Web 2.0.

Criada como um aplicativo da própria Web (e não como um software acoplável a ela, como era feito anteriormente), a Google, desde os primórdios, era oferecida aos usuários como uma ferramenta de livre acesso, extenso banco de dados e contínuos aperfeiçoamentos, diferentemente dos sistemas anteriores, que exigiam licenças, trabalhavam com prazos e períodos de teste. O serviço oferecido pela Google é uma espécie de mediador entre o usuário e o destino final de sua busca. O' Reilly compara o funcionamento da rede de buscas Google com um telefonema, “que acontece não apenas nos aparelhos em cada extremo da ligação, mas na rede entre eles” (p.6). A plataforma Google, bem como diversos outros serviços que surgiram nesse período, como a rede de compra e vendas eBay e a rede de compartilhamento de arquivos BitTorrent, seguiu uma importante lição norteadora da Web 2.0: o objetivo de alcance de uma plataforma deve ser a rede como um todo, e não apenas o centro.

Com base na afirmação anterior, verifica-se a aplicabilidade da Teoria da Cauda Longa, desenvolvida por Chris Anderson.

A teoria da Cauda Longa diz que nossa cultura e economia estão mudando do foco de um relativo pequeno número de 'hits' (produtos que vendem muito no grande mercado) no topo da curva de demanda, para um grande número de nichos na cauda. (ANDERSON, 2006)

Somando a esse o conceito o fato de que a Web 2.0 armazena o maior banco de dados já concebido na era digital, presume-se que os analistas de software mensuram o sucesso da rede de acordo com a movimentação de informação gerada pelo maior número possível de internautas. Sendo assim, e segundo o pensamento de Tim O'Reilly (2005), o serviço será cada vez melhor quanto mais forem os usuários que se utilizam dele.

Outro pilar de fundamental importância para o advento da Web 2.0 e provavelmente o fator detentor do maior peso nos estudos realizados acerca do assunto é a formação de uma Inteligência Coletiva. Pierre Lévy (2002) descreve a Inteligência Coletiva como sendo “a partilha de funções cognitivas, como a memória, a percepção e o aprendizado” (<http://webinsider.uol.com.br/2002/09/09/a-inteligencia-coletiva-segundo-pierre-levy/>). Quando se relaciona essa partilha ao sistema da web, obtém-se um dos conceitos norteadores da “nova Era digital”: o Conteúdo Colaborativo.



O conceito de Conteúdo Colaborativo é mais complexo do que parece. Ele se estende desde a produção concreta de material para a web até o compartilhamento e disseminação desse material. O'Reilly (2002) reconhece que, graças à Inteligência Coletiva, a rede de conexões cresce da maneira mais efetiva possível. Ele compara o esquema de compartilhamento com o funcionamento do cérebro humano, e diz que, do mesmo modo com que se formam as sinapses do cérebro (por meio de associações que se exprimem pela repetição ou pela intensidade), se formam as redes de conexões, crescendo exponencialmente na medida em que os usuários interagem e participam da formação de conteúdo. Essa participação pode acontecer de diversas maneiras.

O valor agregado por um usuário ao conteúdo da Rede, muitas vezes, vem de uma programação que colhe dados específicos e gera um retorno paralelo ao uso comum do aplicativo. É o caso, por exemplo, de sites que compartilham arquivos de seus usuários. Concomitantemente ao uso pessoal do material disponível naquele fragmento de rede, colhem-se dados que enriquecerão o conteúdo dessa rede e lhe agregarão valor. A mesma medição acontece graças aos links de redirecionamento, onde o usuário transita por diversos nichos informacionais da rede carregando toda a mobilidade característica da Web 2.0 e conferindo a diversos sites uma visibilidade cada vez maior.

O extenso e descentralizado banco de dados da Web 2.0 é uma das questões ainda não-resolvidas do novo sistema. O'Reilly (2002) comenta sobre como “a falta de percepção sobre a importância de possuir os dados centrais de um aplicativo poderá, eventualmente, enfraquecer o poder competitivo” (p.17). Ele acredita na necessidade de se criar um sistema de dados coerente com a dinâmica da Web 2.0, e insere dois conceitos-chave para a produção desse tipo de sistema: um conteúdo projetado para a “Hackeabilidade” e para a “Remixabilidade”. Dessa forma, as companhias poderiam utilizar o banco de dados de outras para fins de aperfeiçoamento, e os usuários dos sistemas contariam com informações e dados constantemente atualizados, o que seria benéfico para a rede como um todo.

Raquel Recuero (2009) fala sobre o assunto em seu estudo sobre Redes Sociais, e aponta como a competição, a despeito do conflito, pode ser benéfica para a manutenção de um sistema de internet colaborativo, ratificando o pensamento de O'Reilly (2005): “Enquanto a cooperação é essencial para a criação e a manutenção da estrutura, o conflito contribui para o desequilíbrio. A competição, por outro lado, pode agir no sentido de fortalecer a estrutura social.” (RECUERO, 2009, p.83). Com a



popularização desse pilar da Web 2.0, é provável que esse sistema de “compartilhamento deliberado” crie oportunidades para que as empresas de software superem a concorrência mostrando seu potencial de desenvolvimento e integração de serviços já oferecidos.

Aliado a esse fator está a agilidade do trabalho de modificação de um software e a adoção de modelos leves de programação na web 2.0. O’Reilly chamou esse tipo de sistema de “Beta Contínuo”(p.20), pois representava um modelo sempre “em teste”, aberto a aperfeiçoamentos e atualizações constantes. Nesse contexto, graças ao “Beta Contínuo”, sistemas inteiros são testados, acoplados, aprovados ou reprovados num intervalo de tempo quase imperceptível ao usuário que está conectado ao software por meio de diversas plataformas que interagem legitimando a Cultura da Convergência proposta por Henry Jenkins (2008). O autor define Convergência como sendo uma transformação na noção “espaço-tempo”, e aposta na capacidade do usuário de selecionar, por si próprio, os conteúdos que deseja acessar, nos mais variados nichos, e transportá-los para além de suas plataformas originais, gerando sempre sistemas com conteúdos dinâmicos e variados.

Com uma interface essencialmente participativa e calcada nas relações das companhias com seus usuários, a definição de Web 2.0 representou uma revolução na maneira de divulgar a informação em rede. A consolidação desse novo sistema comunicacional, bem como o advento de novas ferramentas mediadoras dessa nova “arquitetura da participação” vem possibilitando, cada vez em maior escala, a produção de um nível completamente novo de informação e circulação de ideias.

## **2 REDES SOCIAIS**

Filhos da web 2.0, os sites de Redes Sociais emergem como a consolidação da “cultura da sociabilidade” na internet. Segundo Raquel Recuero (2009), pode-se considerar uma Rede Social como o resultado da equação definida pelo site como “lugar virtual” de acomodação da rede, somado à participação ativa e determinante do homem, chamado de “Ator Social” ou “nó”. A interação por parte dos atores se dá através de Conexões, que são representações dos rastros sociais dos indivíduos deixados na Rede. As Redes Sociais apresentam propriedades específicas relacionadas aos nós e conectores que auxiliam na percepção do funcionamento do sistema. As principais características mencionadas por Recuero (2009) são: Grau de Conexão, representado



pela quantidade de conexões que um determinado nó possui (p.71), Densidade, que relaciona o número de conexões que um grupo de nós (grafo) possui com o número máximo de conexões que ele suporta, Centralidade, que mede a popularidade de um nó de acordo com a sua centralidade na Rede, Centralização, que mede a centralidade de um grafo, e a Multiplexidade, que faz referência ao montante de relações sociais existentes em uma Rede. Essas características, porém, só existem quando há a ativa participação dos atores na movimentação do sistema. Recuero (2009) acredita que os sites apresentam e auxiliam a percepção das Redes Sociais, mas, sem a atuação e acompanhamento do homem, ficam restritos à categoria estática de “sistemas”. Pierre Lévy (1999) defende o desempenho do ator social como fator-chave para a existência de uma rede de tecnologias ao afirmar que todas as relações estabelecidas a partir da causa e efeito de diversos elementos da rede são, na verdade, reflexos da interação do ator com o meio virtual.

As verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre “a” tecnologia (que seria a ordem da causa) e “a” cultura (que sofreria os efeitos), mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diversas formas *as* técnicas. (LÉVY, 1999, p.23)

Há, no cerne de uma Rede Social a intenção sempre presente de personalizar o ambiente virtual. Essa personalização traduz a importância da associação do “eu real” ao “eu virtual” constituído por um ou mais elementos da rede a fim de humanizar as estruturas sociais do ciberespaço, ainda que de maneira representativa, uma vez que as condições de reconhecimento e assimilação de informações na instância virtual são diferentes das condições disponibilizadas pelo contato face a face. Com a reunião de elementos cibernéticos que se aproximam da versão real do autor, obtém-se um Perfil, que carrega consigo a capacidade de julgar e ser julgado, de se expressar e de construir impressões sobre si e sobre os demais perfis de maneira não-linear e consideravelmente irrestrita. A partir dessa exposição e do contato (conexão) entre os atores (que representam os “nós” da densa cadeia de influência mútua das redes), surge um novo conceito importante para o estudo do mapa das Redes Sociais: a Interação. Raquel Recuero (2009) menciona a Interação Social como sendo o primeiro degrau de uma espécie de “escada” conectiva, que passa pelas Relações e culmina nos Laços Sociais. Cada um desses degraus constitui um tipo diferente de afinidade entre os atores, e pressupõe características distintas e complementares para sua existência. Falaremos sobre cada um deles detalhadamente a seguir.



A Interação é o elemento-chave da linha relacional que leva à construção dos Laços Sociais. Recuero (2009) acredita que, para que a Interação seja estabelecida com sucesso, é necessário, a priori, que ela seja recíproca, resultando numa reação ou reflexo comunicativo dos receptores em questão. Dessa maneira, supõe-se que a Interação seja o objetivo essencial e primordial para a efetivação da comunicação entre os nós da rede, que buscam entre si um nível de aproximação que possibilite Relações Mútuas, onde há contato bilateral, ou Relações Reativas, onde eles acontecem como reflexos a um estímulo original de um nó. Interações Sociais mediadas pelo computador facilitam e viabilizam a evolução escalar da afinidade entre os atores. Uma Interação simples pode gerar a formação de uma Relação Social na medida em que é correspondida e retroalimentada. As Relações Sociais concebidas no âmbito da internet representam contatos das mais diversas naturezas. Como não há delimitação geográfica ou espacial, essas Relações podem emergir de diversos contextos, representando pontos de convergência de origens dispersas, como por exemplo, grupos relacionados a trabalho, cinema ou música abrigados em diferentes Redes Sociais.

Para Recuero (2009), nesse sentido, observa-se que a ausência de fronteiras espaciais cumpre um papel dúbio na consolidação dessas Relações. Ao mesmo tempo em que une os atores através de focos dispersos, transforma a linha relacional dessa afinidade num objeto tênue e indefinido, uma vez que não expõe todo tipo de informação sobre os atores envolvidos, o que pode, muitas vezes, colaborar para o surgimento de contatos efêmeros.

O terceiro degrau conectivo que tem início na Interação social é a formação de Laços. Um Laço Social é, segundo Recuero (2009), a representação da “efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações”(p.38). O Laço seria a institucionalização dessas relações, e sua força e intensidade podem ser medidas pela combinação de fatores como: quantidade de tempo, intensidade emocional, confiança e reciprocidade na prestação de serviços na Rede.

Os Laços Sociais, diferentemente das Interações, não são necessariamente recíprocos e simétricos. Muitas vezes, um dos atores estabelece com os demais uma ligação subjetiva que não acontece em contrapartida. Ainda assim, é sabido que as Redes Sociais comportam tanto os Laços fortes e recíprocos quanto os fracos, e que, ao contrário do que a lógica nos sugere, os Laços Fracos é que sustentam a existência das Redes Sociais em maior escala do que os Laços Fortes. Segundo Recuero (2009), os Laços Fracos seriam constituídos pelas interações mais pontuais e superficiais, enquanto



os Fortes, pelas relações de amizade e intimidade. A combinação dessa definição com a constatação de que a variedade de temas comportados pelas Redes Sociais sugere mais número do que intensidade relacional nos leva a concordar com a conclusão de que, realmente, a rede é sustentada por essas relações pontuais. Voltaremos a falar desse assunto mais à frente, quando discutiremos as características conectivas das Redes Sociais.

As Redes Sociais enquanto locais de interação e compartilhamento são divididas em diversas categorias. Recuero (2009) menciona, primeiramente, três principais topologias, desenvolvidas após um estudo baseado no trabalho de Paul Baran (1964), e relacionadas a características estruturais estáticas do sistema: Rede Distribuída, Rede Centralizada e Rede Descentralizada (p.56). Na primeira categoria, todos os nós possuem quantidade semelhante de conexões e disseminam informações de maneira não-hierárquica. Já na segunda, um nó centraliza a maior parte das conexões existentes e na terceira, não há um nó central, mas sim diversos pólos disseminadores. As categorias seguintes, por sua vez, referem-se à propriedades dinâmicas da Rede, e caracterizam-se com base na análise das interações em si, e na forma como elas acontecem. A primeira Rede mencionada por Recuero (2009) é chamada de Igualitária. Nesse tipo de Rede, “os nós, dada uma quantidade de conexões, tem uma probabilidade de acabar com uma quantidade mais ou menos igual de conexões.” (p.60). Essa classificação englobaria, de certo modo, a definição proposta por Baran (1964) para as Redes Distribuídas. A categoria seguinte é conhecida como “Rede Mundos Pequenos”, e resultou de uma pesquisa publicada por Ithiel Pool e Manfred Kochen nos anos 70, onde se provava a proximidade entre dois nós aleatórios por meio de um número reduzido e pré-determinado de conexões. A terceira categoria dinâmica é conhecida como Rede Sem Escalas, e será abordada mais à frente, quando o padrão conectivo decisivo entre os nós for apresentado.

Outro fator determinante na delimitação do nível de conexões de uma Rede Social e conceito fundamental para este estudo é o chamado Capital Social. O conceito de Capital Social está ligado aos valores individuais do ator, que se tornam públicos e acessíveis no momento em que ele os compartilha. Recuero (2009) constrói um conceito-base do termo unindo teorias de diversos outros pesquisadores da área:

Consideraremos o capital social como um conjunto de recursos de determinado grupo, que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade. (RECUERO, 2009, p.50)



Porém, apenas a conceituação do termo não é suficiente para identificá-lo no estudo das Redes Sociais. Recuero (2009) sugere, então, uma operacionalização do conceito e a subdivisão deste em categorias que o tornariam mais inteligível e diluído nas conexões de uma Rede. Para isso, a autora segue uma subdivisão classificatória proposta por Bertolini e Bravo (2001 apud RECUERO, 2009), composta por cinco principais categorias. Recuero (2009) define essas categorias como “os recursos a que os indivíduos têm acesso através da rede” (p.50).

A primeira delas, chamada de Relacional, compreende o conjunto de interações possíveis entre os indivíduos numa determinada rede, em nível individual ou coletivo. As informações transmitidas na rede segundo o Capital Social Relacional geralmente circulam rapidamente, entre muitos nós, e dizem respeito a assuntos pessoais. Uma informação que segue esses padrões geralmente é mais bem sucedida quando alcança a propagação rápida e concentrada numa teia. A segunda, chamada de Normativa, diz respeito às normas e valores que são estabelecidos para orientar um determinado grupo. A terceira categoria diz respeito às informações que são deliberadamente colocadas em comum para um determinado grupo e à maneira como essas informações são disponibilizadas e adquiridas, e é conhecida como Capital Social Cognitivo. A Confiança no ambiente social seria a quinta categoria, e trata do nível de credibilidade transmitido de um grupo para um indivíduo, e na medida em que essa confiança levaria à disponibilização de maior ou menor número de informações pessoais para a rede. Por fim, a categoria Institucional, que diz respeito à estruturação categórica de cada grupo, sua hierarquia e sua organização enquanto instituição.

Recuero (2009) ainda segue apresentando mais uma linha classificatória do Capital Social, também proveniente do estudo realizado por Bertolini e Bravo (2001) e apresenta dois níveis que englobariam todas as categorias acima descritas. O Primeiro Nível do Capital Social compreende recursos provenientes do indivíduo e da subjetividade do usuário. Dessa forma, o conteúdo absorvido e disponibilizado na esfera do Capital Social de Primeiro nível prioriza os aspectos individuais. Estão localizadas no Primeiro nível de Capital Social as categorias: Relacional, onde o foco está na relação usuário x usuário ou usuário x comunidade, Normativa, que compreende a formação de leis e normas no sentido um-para-todos, e Cognitiva, representada pela capacidade individual de absorção de conteúdo.



O segundo nível de Capital Social representa a sedimentação dos aspectos individuais propostos pelo primeiro nível e engloba as relações coletivas, organizadas por um número maior de atores. Essas relações, segundo Recuero (2009), englobam as categorias Confiança no ambiente social e Institucional, e representariam um nível mais evoluído e duradouro de relação social, sugerindo Laços mais perenes. É importante ressaltar o quanto os dois níveis de Capital Social estão amalgamados e constituem um ciclo de formação e alimentação recíproco e dual. “Quanto mais a parte coletiva do capital social estiver fortalecida, maior a apropriação individual deste capital.” (RECUERO, 2009, p.54). Enquanto o Segundo nível proporciona a constante reformulação e atualização do nicho informacional, abrindo espaço para o surgimento de novos atores – primeiro nível – o compartilhamento deliberado de informações proveniente do primeiro nível gera espaço para a transformação deste num Capital Social de Segundo Nível, com a participação e colaboração de diversos atores.

Recuero (2009) defende que a construção de valores no ambiente das Redes Sociais é um dos elementos de análise mais importantes quando se trata do assunto. Ela acredita que, muitas vezes, o volume de informações que circula graças ao Capital social de um grupo é capaz de influenciar até mesmo na vida ‘offline’ do ator.

O que é diferencial nos sites de redes sociais é que eles são capazes de construir e facilitar a emergência de tipos de capital social que não são facilmente acessíveis aos atores sociais no espaço offline. (RECUERO, 2009, p.107)

Com base na classificação proposta por Recuero (2009) e Bertolini e Bravo (2001 apud RECUERO, 2009), compreendemos que o Capital Social de nosso objeto de estudo é majoritariamente proveniente do Segundo Nível, uma vez que os laços sociais propostos pelo grupo de atores que compõe a página do Coletivo Sem Paredes na Rede são alimentados pela correlação entre todos os envolvidos com o grupo, direta ou indiretamente. A partir do momento em que uma ação é lançada por eles na Rede, espera-se que essa ação navegue por entre o maior número possível de conexões, sempre permitindo e incentivando a troca e compartilhamento de atualizações semelhantes à inicialmente divulgada.

Partindo do pressuposto de que todas as pessoas estão invariavelmente conectadas entre si na rede (Rede Mundos Pequenos, já mencionada no início deste item), e que a popularidade de determinado artigo é medida por meio do número de acessos e locais distintos em que esse artigo é mencionado, voltamos a ressaltar a



importância dos Laços Fracos para a manutenção da circulação de dados na Rede. Quanto menos conectados estão os nós, maiores as chances de cada um deles propagar a mesma informação para nichos mais distintos. Essa teoria esbarra ainda num novo conceito citado por Recuero (2009): a Rede Sem Escalas. Estudos de diversos autores da área comprovaram que as conexões entre os nós não são aleatórias, como indicavam Pool e Kochen (1978 apud RECUERO, 2009). Ao contrário, essas conexões seriam estabelecidas segundo um padrão pré-determinado e bastante visível. Segundo Recuero (2009), de acordo com a Rede sem Escalas, “as redes não seriam constituídas de nós igualitários, ou seja, com a possibilidade de ter, mais ou menos, o mesmo número de conexões. Ao contrário, tais redes possuiriam nós que seriam altamente conectados e uma grande maioria de nós com poucas conexões” (p.67). Essa estrutura define, por exemplo, o site de relacionamentos Facebook, adotado nessa pesquisa como principal objeto utilizado pelo Coletivo Sem Paredes para estabelecer contato e propagar seus ideais na Rede.

A estrutura de uma Rede Social apresenta uma dinâmica de funcionamento bastante característica. De maneiras levemente diferentes, em função do mapeamento de seus sistemas, todos os sites de relacionamento se guiam por premissas-padrão. A formação de um grupo num site de Rede Social obedece, primeiramente, ao critério da Cooperação. Recuero (2009) destaca a importância fundamental da cooperação na criação e manutenção de grupos quando diz que “esses sistemas são apenas possíveis porque há cooperação entre os indivíduos envolvidos em torno da proposta.” (p.83). Aliado à cooperação está o Conflito, elemento que, à primeira vista, soa como um disruptor das Redes Sociais, mas traz consigo a importante função de modificar, aperfeiçoar e até fortalecer o sistema em questão, quando gera a polarização de seus usuários em prol de uma determinada causa. O próximo elemento estrutural está intimamente ligado à Rede Sem Escalas, e é conhecido como “clusterização” (p.86). O termo faz referência à capacidade agregadora e segregadora de um grupo social, e é apontado por Recuero (2009) como um dos principais elementos da topologia das Redes, uma vez que tem a função de disseminar as informações de um determinado grupo dentro e fora dele, quando as pessoas se afiliam e se desmembram do mesmo.

O terceiro elemento é a capacidade de Adaptação de um grupo social. A Adaptação surge como respaldo para a constante capacidade de modificação do sistema. Recuero (2009) afirma que as Redes Sociais “precisam ter capacidade de adaptação, pois tem um equilíbrio dinâmico, constantemente redirecionado entre caos e ordem.” (p.



89) Isso significa que, se fossem estáticas, as Redes Sociais dificilmente sobreviveriam à quaisquer tipos de mudanças, fossem elas benéficas ou maléficas. O conceito de adaptação, para a autora, traria ainda um outro conceito embutido: o de auto-organização. Redes Sociais teriam, além da capacidade de se adaptar a eventuais mudanças, o poder de se auto-organizar a fim de hierarquizar o grupo quando necessário ou até de criar novos padrões estruturais, conforme as necessidades surgidas. Sobre essa combinação de termos e sobre a necessidade de se manter um grupo sempre organizado e em rotação, Recuero (2009) afirma:

Como essas formas de adaptação e auto-organização são baseadas em interação e comunicação, é preciso que exista circularidade nessas informações, para que os processos sociais coletivos possam manter a estrutura social e as interações possam continuar acontecendo. (RECUERO, 2009, p.89)

Também é importante para essa pesquisa estabelecer a classificação das Redes Sociais em tipos. Recuero (2009) define os dois principais como sendo Emergentes e Associativos.

As Redes Sociais Emergentes são “expressas a partir das interações entre os atores sociais” (p.94), e levam esse nome por conta da crescente e contínua construção e reconstrução realizada por meio dos contatos e trocas entre os atores. Uma rede Emergente é, em sua maioria, uma rede pequena e composta por trocas recíprocas entre os atores – o que sugere uma composição de poucos nós. Percebe-se características da Rede Emergente no Facebook quando a análise é voltada para o Mural do perfil em questão, onde dados são postados e compartilhados com um espaço destinado a receber comentários e opiniões e onde usuários podem postar informações diretamente para outros mencionando seus nomes e gerando notificações pessoais no perfil do interlocutor.

As Redes Sociais Associativas estão relacionadas à filiação de membros, e não são, portanto, diretamente ligadas a interações entre nós particulares. Recuero (2009) define uma Rede Associativa como “Redes cujas conexões são forjadas através dos mecanismos de associação ou de filiação dos sites de redes sociais.” (p.98). Segundo o conceito de Rede Associativa, o contato recíproco não é necessário para a manutenção do laço e o elo pode ser formado apenas pelo compartilhamento de uma informação superficial, como uma adição de amizade no perfil ou o compartilhamento de um link. Com isso, o mapeamento desse tipo de rede pode se tornar um pouco mais trabalhoso,



uma vez que contatos superficiais podem envolver uma quantidade muito maior de nós do que contatos próximos e recíprocos.

Recuero (2009) menciona ainda algumas características comuns aos sites de Redes Sociais que são apropriadas pelos atores em ambos os tipos de Rede. São elas: Visibilidade, Reputação, Popularidade e Autoridade.

O primeiro critério, a Visibilidade, possibilita que os nós sejam mais visíveis socialmente na Rede. Essa característica está, portanto, diretamente ligada ao número de conexões que um nó possui, e tem, por conseguinte, o poder de dar origem às demais características ou valores, uma vez que, com a visibilidade em primeiro plano, alcança-se qualquer outro status.

Construído a partir da percepção de um perfil ou grupo pelos demais atores, a Reputação constitui a segunda característica classificatória dos sites de Redes Sociais. Recuero (2009) classifica a Reputação como “uma percepção qualitativa, que é relacionada a outros valores agregados.” (p. 110), concedida a todos os nós de uma Rede em maior ou menor escala. Grupos e Atores gerenciam sua reputação por meio do número de replicações, adesão de novos membros/ novas solicitações de amizade e compartilhamentos diversos.

O terceiro elemento compositor dos sites de Redes Sociais é a Popularidade. Diferente dos critérios anteriores, a Popularidade é um valor quantitativo e estrutural, medido pela posição de um determinado ator dentro da Rede Social, e não pela percepção dos outros com relação a ele. Quanto mais centralizado o nó está na Rede, mais popular ele é considerado. Além da posição, a popularidade é indicada pelo número de comentários e interações proporcionadas pelo perfil ou grupo.

Por fim, Recuero (2009) lista a Autoridade como critério caracterizador, e define esse valor como sendo “o poder de influência de um nó na Rede Social” (p.113). Há, por parte do ator, a preocupação em construir uma imagem de autoridade relacionada a um determinado assunto, e medir a eficácia dessa construção por meio da audiência obtida, ou seja, do número de replicações e comentários que seus tópicos geram na Rede.

Muito embora todos os valores mencionados por Recuero (2009) como sendo caracterizadores de um site de Rede Social se apliquem ao nosso objeto de estudo (o site de relacionamentos Facebook), é importante estabelecer que todos eles são pertencentes essencialmente ao Primeiro Nível de Capital Social, uma vez que representam aspectos mais técnicos da construção de uma Rede. Esses valores, somados à ativa participação



dos atores e à evolução das interações entre eles como grupo geram, em longo prazo, o estabelecimento de características inerentes ao Segundo Nível de Capital Social, mais intimamente ligado às relações provenientes do contato entre os nós.

Essas interações realizadas em grupos virtuais serão abordadas no próximo tópico, relativo às Comunidades.

### 3 COMUNIDADES VIRTUAIS

Estabelecer o conceito de Comunidade na era da Web 2.0 é imprescindível, uma vez que a “nova” internet se pauta cada vez mais na participação e interação entre os atores componentes da Rede. Raquel Paiva, em seu “O Espírito Comum” (1998) ressalta que, para que haja uma comunidade em qualquer instância (geográfica, religiosa, social, política) é fundamental que se trabalhe com um consenso.

Uma vez que se estabelece para a comunidade a vigência de laços afetivos, responsáveis pela formulação de todo arcabouço regulador das relações entre os indivíduos, deve-se conceber o consenso como seu fundamento normatizador. (PAIVA, 1998, p.96)

Cecília Peruzzo (2002) acredita que o conceito de Comunidade como era concebido antes da era digital já não existe mais, ou não possui mais a mesma essência formal. Em função da descentralização e desterritorialização impulsionada e estimulada pela evolução tecnológica, novos termos precisaram ser acoplados e adaptados à definição de Comunidade, permitindo a legitimação de um grupo puramente virtual no âmago do conceito. Para ela, “falar em comunidades significa falar de fortes laços, de reciprocidades, de sentido coletivo dos relacionamentos” (2002, p.2).

Dessa maneira, além do Consenso proposto por Raquel Paiva (1998), Peruzzo (2002) ainda acrescenta como elementos característicos fundamentais das Comunidades contemporâneas a Participação, o Sentimento de pertença, o Caráter cooperativo e de compromisso, a Confiança, o senso de Responsabilidade, a formação de Identidades, o Reconhecimento, Objetivos em comum, o Senso de Igualdade e justiça social, a Interação, o Locus territorial específico – não obrigatório e a Linguagem em comum (p.11) Raquel Recuero (2009) complementa a conceituação proposta por Peruzzo (2002) e acrescenta que “os elementos formadores da comunidade virtual seriam: as discussões públicas, as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda mantém contato através da internet, o tempo e o sentimento” (p.137). Cada uma das características citadas por Peruzzo (2002) e Recuero (2009) será retomada e validada no



fim deste tópico, legitimando a classificação de nosso objeto de estudo (O Coletivo Sem Paredes no Facebook) no contexto de Comunidade Virtual.

O estabelecimento de todos esses “novos” valores comunitários agregados aos valores já consolidados não significa, porém, que as Comunidades Virtuais são uma apenas uma variável das Comunidades Reais. Ao contrário disso, ambas são complementares e emaranhadas. Recuero (2009) acredita que as comunidades virtuais não podem ser dissociadas do espaço e das interações reais, muito embora elas nasçam e evoluam majoritariamente no espaço da Rede. Segundo ela, as relações comunitárias iniciadas virtualmente podem, em médio ou longo prazo, influenciar nas relações reais ou na maneira como um ator se portará diante dos outros no mundo “offline”. Peruzzo (2002) defende que a criação de Comunidades Virtuais impulsionou um novo modo de existência do conceito, mas que ele ainda é estritamente atrelado às especificidades concretas da sociedade.

A virtualidade no mundo das comunidades passa a ser um modo de existência, um modo de relação, aquele desterritorializado geograficamente, mas não uma forma única e independente de existência, pois é unida em torno de especificidades concretas e com vínculos que extrapolam o espaço virtual. (PERUZZO, 2002, p. 12)

Com o intuito de diferenciar as Comunidades Virtuais entre si, Recuero (2009) propõe uma classificação destas em três primordiais tipos: Comunidades Emergentes, Comunidades de Associação e Comunidades Híbridas.

No primeiro tipo, um núcleo é bem delimitado, e as relações de interação dadas por laços mais fortes acontecem partindo essencialmente desse núcleo. Parte-se também do pressuposto que, apesar de não serem simétricas, as trocas realizadas numa Comunidade Emergente são recíprocas, e possuem valores de Capital Social diversos, o que significa que, a uma mesma Comunidade, podem-se associar valores Relacionais, Cognitivos, Normativos, etc. Recuero (2009) aproxima a estrutura estática de uma Comunidade Emergente à de uma Rede Igualitária, onde os nós possuem uma distribuição relativamente grande e se comunicam entre si com bastante eficiência.

Nas Comunidades de Associação, porém, a estrutura estática apresenta uma forma bastante diferenciada. São diversos agrupamentos de nós conectados entre si com maior intensidade (cluster) e conectados uns aos outros por laços menos perenes. Na prática, esse tipo de comunidade é consolidado pelo desejo de pertencimento a um



grupo mais do que pela interação em si. Dessa maneira funcionam as FanPages<sup>4</sup> no Facebook, onde apenas um clique do usuário permite que ele esteja inserido naquele contexto sem precisar efetivar sua participação com comentários e compartilhamentos efetivos.

A união das características das Comunidades Emergentes e de Associação leva ao terceiro tipo de comunidade proposto por Recuero: as Comunidades Híbridas. Nessas Comunidades, atores estão conectados entre si por laços fortes e por laços fracos simultaneamente, gerando uma formação estrutural com muitos nós no centro e alguns nós na periferia. Os Grupos do Facebook podem ser encaixados nessa categoria, embora, por se tratarem de uma associação ativa, com constante participação dos atores e intuito de propor discussões recorrentes tenham mais características da comunidade Emergente.

Com base na classificação proposta por Recuero (2009) e caracterizada por Peruzzo (2002), podemos, então, classificar a Comunidade Virtual do Coletivo Sem Paredes no Facebook como uma Comunidade Híbrida, onde há a Participação ativa de um grupo de membros principalmente, mas com espaço aberto à intervenções e compartilhamentos por parte de qualquer associado, que Pertence ao grupo após ter se “filiado” a ele. Especialmente por se tratar de um grupo com caráter de intervenção Social, o Sem Paredes também estimula o senso de Responsabilidade e a formação de Identidades em prol de um ideal comum, bem como o Senso de Justiça e Igualdade. Unidos por um interesse comum, os membros do grupo buscam interagir e coordenar pensamentos e idéias com o intuito de potencializar o alcance de suas ações, tanto na Rede, quanto no espaço físico. Diferentemente de algumas Comunidades Virtuais, o Sem Paredes ainda conta com um Locus territorial específico, especialmente por unir em sua estrutura, membros majoritariamente e propositalmente advindos de uma região geográfica comum.

Percebe-se também, dadas as análises de Raquel Paiva (1998), Cecília Peruzzo (2002) e Raquel Recuero (2009) que o ideal de Comunidade, apesar das adaptações advindas do sucesso da Web 2.0, ainda mantém características emocionais fortes. Raquel Paiva (1998) menciona que as Comunidades, ao contrário das Sociedades, se envolvem por meio de um laço muito mais intenso que o da simples convivência.

---

<sup>4</sup> Páginas da rede social Facebook destinadas à apresentação de um determinado grupo/ marca ao qual os usuários demonstram sua admiração por meio do botão “Curtir”.



Assimilar o conceito de comunidade à concepção mais perfeita de convivência entre os indivíduos tem sido uma idéia que persiste, muitas vezes, configurando-se como proposta a ser implementada. A comunidade seria, nesta ótica, responsável por produzir ligações fortes de harmoniosas, em oposição à sociedade, vista como simples associação destinada a suprir necessidades pessoais (PAIVA, 1998, p.110).

Desta forma, é possível estabelecer relações sociais reais com valor de Capital Social em Comunidades Virtuais que se estruturam a partir de um lócus geográfico e/ou levam à formação e designação deste, legitimando os valores associados propostos pelas autoras mencionadas neste tópico.

#### **4 CONSIDERAÇÕES**

A partir da análise das principais características da “nova internet” e da consolidação dos ideais participativos da Web 2.0, é possível estabelecer um novo e importante posicionamento do ator social no âmbito midiático. A partir da estruturação dos sites de Redes Sociais, a interatividade alcançou um novo patamar e adquiriu capacidades de interação e conexões capazes, ao mesmo tempo, de criar, sustentar e reestruturar o banco de dados disponível em toda a Rede.

O conceito aplicado de Conteúdo Colaborativo inaugurou uma maneira eficiente e corporativa de injeção dos variados tipos de Capital Social no ambiente de Rede, permitindo a disseminação de ideais de grupo ou individuais em condições nunca antes imaginadas, ou seja, sem limites geográficos, sociais ou temporais.

Nesse contexto, as Comunidades Virtuais se consolidaram como uma espécie de extensão variável das Comunidades Reais, obedecendo a uma série de regras que ultrapassam o lugar-virtual e estabelecem vínculos sólidos e reais entre seus membros, ainda que estes não compartilhem do lócus geográfico. Os valores emocionais contidos nas Comunidades Reais permanecem e se tornam laços de agregação também na Rede, gerando um vínculo circular e recíproco de troca e manutenção de ideais comuns.

A partir das conclusões obtidas nesta análise, pretendemos posteriormente realizar um estudo de caso do Coletivo Sem Paredes (JF) na Rede, buscando verificar o comportamento deste enquanto Comunidade Virtual e enquanto Coletivo Cultural, construindo um comparativo e delimitando as principais instâncias comunitárias virtuais em que o Coletivo trabalha para legitimar seus ideais e propagar suas ações.



## REFERÊNCIAS

DINUCCI, Darcy. **Fragmented Future**. Print Magazine, 1999. Disponível em: [http://darcy.com/fragmented\\_future.pdf](http://darcy.com/fragmented_future.pdf) [Acesso em: 08-05-2012]

O'REILLY, Tim. **O que é Web 2.0**, 2005. Disponível em: <http://www.cipedya.com/doc/102010> [Acesso em 008-05-2012]

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

ANDERSON, Chris. Íntegra da entrevista com Chris Anderson. Revista Época, São Paulo: Editora Globo, ed. nº 433. 2006. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG75221-5856-433,00.html> [Acesso em: 08-05-2012]

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum - comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

PERUZZO, Cecília M. K. **Comunidades em Tempos de Redes**, 2002. Disponível em: [http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades\\_em\\_tempos\\_de\\_redes.pdf](http://www.ciciliaperuzzo.pro.br/artigos/comunidades_em_tempos_de_redes.pdf) [Acesso em 08-05-2012]